

## Poemas de Amor a Fortaleza

Marcelo Linhares

Os poetas! Ah! os poetas, os bons poetas... diferentemente de nós outros, pobres mortais, além da cabeça pensam também com o coração. Somente assim acreditando é que posso entender por que Artur Eduardo Benevides - o nosso Príncipe dos Poetas Cearenses - em vez de escolher um dos mestres dessa *corbeille* de intelectuais que o cercam deu esse privilégio a um mero contador de histórias para apresentar o seu *Poemas de Amor a Fortaleza* com que brinda a nós todos neste ano em que comemoramos os quinhentos anos do nosso descobrimento.

Assim, por amável desígnio, que reconheço e proclamo inexcusável, e que deixou-me muito orgulhoso, aqui estou para apresentá-lo. Espero que se não o fizer com os esperados méritos, o farei ao menos sem desprimor.

O território do atual Estado do Ceará, de acordo com os estudos mais abalizados levam à conclusão de que o espanhol Vicente Yañe Pinzón foi o primeiro navegador moderno a tocar a porção que coubera a Portugal no Tratado das Tordesilhas, na América do Sul, fazendo-o no litoral cearense, antes mesmo que Cabral vislumbrasse as desnudas índias nas costas da Bahia.

Mais de um século transcorreu, contudo, antes de se consumir a fixação da colonizadora na chamada "Costa leste-oeste".

O Rei Dom João III, admitindo facilitar a colonização, instituiu o sistema de capitânicas hereditárias cabendo aos donatários - João de Barros, Aires da Cunha, Fernand'Alvares de Andrade e Antônio Cardoso de Barros, a todos e a cada um, em parte o território cearense. Não existe certeza, todavia, de que qualquer um deles se haja preocupado em efetivar o povoamento do seu quinhão.

As investidas dos franceses despertaram os portugueses, provocando, em fins do século XVI, a colonização da Paraíba e, em seguida, do Rio Grande do Norte, dando ensejo à expedição

de 1604. Faltam documentos, todavia, que comprovem a instituição da Cidade de Nova Lisboa do Ceará, naquele ano.

Somente em 1619, em Carta Patente, foi feita mercê da Capitania da Fortaleza de Seará, a Martim Soares Moreno. Em 1637 o Conselho de Ultramar opinou pela extinção do presídio do Ceará. Os índios chamaram os holandeses que dominaram até 1644 (1ª ocupação).

O Rei Dom João IV - da nova Dinastia de Bragança - contudo, nomeou para a fortaleza do Ceará um novo capitão - Francisco Pereira da Cunha -, em 3 de janeiro de 1641. O Barão de Studart, a ele se referindo, nos dá conta de duas nomeações terem sido feitas, a primeira das quais em 26 de outubro de 1637.

Na segunda invasão holandesa, comandada por Mathias Beck, o desembarque foi na enseada do Mucuripe e estabeleceu-se à margem esquerda de um riacho, por alguns chamado de Marajuitiba e por outros de Pajeú. Ali mandou erigir o forte de Schoonenborch. Retirando-se para a Europa, em 1º de junho de 1654 - em cumprimento ao Tratado de Paz celebrado entre Portugal e Holanda - **Mathias Beck** entregou o forte ao capitão português **Álvaro de Azevedo Barreto**, que, ao tomar posse, mudou o nome para **Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção**, erigindo-se no Centro da fortificação uma capela ou ermida sob égide da Mãe de Deus para as orações dos soldados da guarnição. Com o tempo passou-se a chamá-la apenas de Fortaleza da Assunção e, também, de Fortaleza do Ceará.

Foi somente no final do século XVII, entretanto, que o Rei Pedro II, de Portugal, apressou a ocupação efetiva e o povoamento do território cearense.

Em 1726 foi criada a vila e usou-se Vila de Fortaleza passando à Cidade de Fortaleza após a sua elevação por Decreto Imperial de Dom Pedro I, do Brasil, de 17 de março de 1823.

Em ligeiro esboço esta é a história de Fortaleza, tão amada por todos nós e cantada em prosa e verso por cronistas e poetas.

A crônica histórica de Fortaleza - pode-se afirmar - iniciou-se com **Henry Koster**, filho de inglês, nascido em Portugal, que escreveu *Travels in Brazil*, somente saído em Londres em 1916, embora sua viagem pelo nordeste tenha se iniciado a 3 de novem-

bro de 1810. Anotado por Luís da Câmara Cascudo com o título *Viagens ao Nordeste do Brasile*, de maneira romanceada, o escritor cearense **Ésio de Sousa** o retrata em seu magnífico *No Rastro do Boi*.

Em versos - nos dá conta Raimundo Girão - muitos "a declamaram e louvaram, desde José Pacheco Spinosa, do tempo do Governador Manoel Inácio de Sampaio (1812-1820)".

**Artur Eduardo Benevides**, em seu *Cancioneiro da Cidade de Fortaleza*, com segunda edição em 1973 "o primeiro no gênero a ser organizado no Brasil" no qual, segundo Girão, "cento e quatro poetas são convocados para o desfile do *Cancioneiro* e seus cantares, na certa perdurarão na mente e no coração dos que realmente lhes consagram a estima dos melhores afetos".

Em prosa, além de **Koster** tivemos o francês L. F. Tollenare com o mesmo roteiro daquele, porém em 1817. Posteriormente João Brígido faz trabalho brilhante em Fortaleza em 1810. Girão, em *Fortaleza e a Crônica Histórica*, a todos se refere com a beleza e segurança de sua pena e os enumera, não sendo possível olvidar, dentre eles, Mozart Soriano Aderaldo, Jader de Carvalho, Otacílio Colares, Otacílio Azevedo, Manoel Eduardo Pinheiro Campos, Edigar de Alencar e tantos outros que talvez fosse enfadonho enumerá-los.

Mas, nesse passo, desejo caminhar para o objetivo tracado para a apresentação, com que fui honrado.

Artur Edurado Benevides fez-se acompanhar de Aldemir Martins, que ilustrou *Poemas de Amor a Fortaleza*, onde o Príncipe brinda as letras de nossa terra, na passagem dos quinhentos anos do nosso descobrimento. Aldemir, o grande pintor cearense com vãos no exterior e que juntamente com Rachel de Queiroz e Chico Anísio constituem os três grandes magos das artes de nosso Ceará, neste século. Para que não caia no esquecimento - foi o ilustrador do livro de estréia *Navio da Noite*, publicado em 1944 por Artur. Só muitos anos depois tive o prazer de folheá-lo, em exemplar nas mãos de Fran Martins. Nele surpreendeu-me a sua profissão de fé expendida em *Dimensão da Poesia e do Poeta*.

“Eu aspiro a ser somente uma coisa nesta vida: Poeta”.

Artur, de trato fidalgo e elegância sóbria, é um poeta de verdade, natural, espontâneo, com um sentimento profundo haurido da terra alencarina e da alma de nossa gente.

Conheci-o, quando éramos bem mais jovens do que hoje, na casa do pai de Eduardo Campos, num almoço domingueiro, em família, para o qual fora convidado. Impressionou-me, de logo, o olhar sério e penetrante e a segurança com que abordava os assuntos postos à discussão. Pertencente a uma família de intelectuais, tinha, entretanto, que se firmar no seu talento e nos seus estudos para poder emergir. Perdi o contato, mas, de longe, continuei acompanhando a sua trajetória. Vi-o, bem moço, ser Professor Catedrático da antiga Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, Diretor e presidente de seu Conselho Técnico-Administrativo. Professor Emérito da Faculdade de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará e Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará e responsável pela área de Literatura Brasileira e seu Diretor, por nomeação do Presidente da República. Chefe do Departamento de Letras Vernáculas da mesma Faculdade de Letras da UFC. Diretor Geral do antigo Departamento de Educação e Cultura da UFC, que se transformaria na Pró-Reitoria de Extensão, pela Reforma Universitária. Coordenador da Casa de José de Alencar da UFC. Membro do Conselho Universitário da UFC e da UNIFOR. Diretor do Centro de Humanidades da UFC e responsável por sua implantação. Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará. A quantidade de títulos demonstram, à saciedade, a cabeça privilegiada de que é portador.

Morando em Brasília, por força de mandatos parlamentares que os cearenses me concederam, nunca deixei de acompanhar, ainda que de longe, os títulos culturais que, sempre com muita justiça, lhe foram outorgados: Membro da Academia Cearense de Letras - Cadeira nº 40, tendo como Patrono Filgueiras Lima; Membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa, tendo como Patrono Maximino Maciel; Membro da Associação Nacional de Escritores, com sede em Brasília; Membro do Conselho Consultivo da revista *Poesia e Crítica*, de Brasília; Fundador do Grupo Clã, de Fortaleza e ex-Presidente

e Sócio Benemérito da Sociedade Cearense de Artes Plásticas. Membro do Conselho Estadual de Cultura, do Ceará. Coroando, o vemos como membro permanente do Júri Nacional do Prêmio Literário Jabuti, Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Vale do Acaraú e Presidente da Academia Cearense de Letras desde 1992.

Com muito mais de meia centena de livros e títulos publicados, o nosso Príncipe é, inegavelmente, um orgulho para a intelectualidade cearense ou, como disse muito bem o seu filho Roberto Wagner na orelha do livro, "uma glória viva do nosso Estado".

Braga Montenegro - saudando-o por ocasião do seu ingresso na Academia Cearense de Letras - afirma que ao chegar ao Grupo Clã já o encontrou nele integrado - o mais jovem dos poetas da sua geração, a chamada "geração de 1945" - e acentua haver sido o Clã um dos mais expressivos movimentos culturais de que há memória no Ceará. Ali, naquele grupo de vanguarda, solidificou a sua presença poética, consagrando-se às letras e aos legítimos anseios humanos.

O exame e o elogio à terra e ao povo do Ceará sempre foram uma constante de sua vida. Ao ingressar na Academia Cearense de Letras já então nos dizia, em seu discurso de posse:

"Por ter filhos assim," - referia-se ao Visconde de Saboya, seu Patrono - "que acendem em sua alma a chama do orgulho e da fé em si mesmo, o Ceará, reagindo contra o seu próprio destino, tem o brilho de solitária luz nos caminhos da Pátria, jamais se havendo desfigurado diante da História".

Regressando ao Ceará procurei a ele me achar para usufruir, se a platéia é amiga, de suas inteligentes conversas e do seu admirável senso de humor.

Seu filho - no local já citado - em página que encheria de orgulho qualquer um, giza a sua personalidade quando diz: "A nobreza de seus sentimentos e propósitos o faz um homem de muitas virtudes com poucos e perdoáveis defeitos" e acentua "Seria um personagem perfeito para estar entre os fiéis cavaleiros da Távola Redonda ou para ser o próprio rei, coincidentemente, Artur, na busca incessante do Santo Graal".

Não é surpresa para quem com ele convive que, depois de tantos anos, continue mantendo o mesmo ideal, o mesmo objetivo: o exclusivo trato e gozo das coisas do espírito, da cultura, da arte, da poesia.

*Poemas de Amor a Fortaleza* dará plena satisfação a quantos o lerem. Ali, entre outras coisas, é possível evocar a nossa cidade de tempos passados, cobrindo-nos com um luminoso véu de saudades. Fará com que nossas lembranças daquele tempo se tornem tão presentes que chegamos a pensar que num dobrar de esquina a estaremos reencontrando.

Vejamos, como Artur as descreve,  
“As ruas, com ares de menina,  
eram tranqüilas e retas  
como a linha do horizonte ou os versos dos poetas.”

Ele nos relembra:  
“Fortaleza sorria  
sem favelas e espigões  
ou batalhões  
de fome na periferia”.

Fortaleza tem sido sempre uma constante na vida do Poeta. Já em 1950, em “Soneto da Praça do Ferreira”, canta:

“És a Praça que o povo ama e defende  
Logradouro que em lutas não se rende  
Clamando conta os erros de quem manda”.

Em temporada em Colônia, na Alemanha, em 1972, numa saudade quase incontida, nos diz em “Fortaleza Relembra à Margens do Reno”:

“Nas louras terras alemãs te sinto  
tão gritante em mim que não te minto;  
melhor fora não ter-te conhecido,  
pois jamais ouvirias meu gemido”.

Artur, permita-me agora que antecipe para todos a leitura do "Telepoema para Fortaleza" em que você - já agora em pleno ano 2000 - fecha o livro com que está homenageando a nossa querida cidade:

"Se um dia infeliz eu te perdesse  
- se tal infortúnio me ocorresse -  
juro-te, Fortaleza, que não ficaria  
só de alma ferida.

Vazio, perderia  
a tristeza floral da Poesia  
e as pérgulas da vida.

Ai, Cidade gentil, de Soares Moreno:  
de onde estiver te mandarei um aceno,  
pois em meus olhos ficas mais que lá,  
no portal e nas dunas do meu Ceará.

Resumes a alma do Nordeste  
e uma beleza fatal te sobreveste  
com mantos de estrelas e amplos horizontes  
semelhantes em tudo a belíssimas fontes  
que se irradiam aos ásperos sertões,  
onde pousa um luar de sonhos e canções.

Minha fiel Cidade,  
que fazer com essa imensa saudade,  
mais lancinante  
que flecha de fogo, delirante?  
O melhor, minha linda, é regressar  
e ficar junto a ti, morrendo de te amar,  
morrendo de te amar,  
morrendo de te amar.

Razão sobrada tinha o nosso inesquecível João Jacques, quando disse que:

"Nunca serão demasiadas as louvações ao estro de Artur Eduardo Benevides".

Agora, Constança, deixe-me formular-lhe um pedido:  
Continue sendo para Artur a sua musa inspiradora para que  
ele possa continuar nos dando frutos de sua inteligência fulgurante,  
de seu pujante talento e de sua inexcedível sensibilidade.

Ele mesmo o diz:

“Afinal, em poesia,  
o que não for saudade é liturgia.  
Ou silêncio e amor. Ou puro e largo albor”.  
Encerremos com Augusto Frederico Schmidt:  
“A hora é da Poesia. A hora é do Canto!”

(Saudação a Artur Eduardo Benevides por ocasião  
do lançamento do seu livro *Poemas de Amor a Fortaleza*, no  
Ideal Clube, no dia 29 de agosto de 2000).